

NUNO MIGUEL PROENÇA*

Corpo e mente no tratado IV da *Arquipatologia* de Filipe Montalto: aspectos gerais

É conhecido o interesse que a medicina do renascimento teve pela melancolia. Ao tentar contextualizar as reflexões que Montalto lhe dedica na obra que publicou em Paris em 1614, damo-nos conta do quanto o médico de Maria de Médicis foi um homem do seu tempo, não só pelo conhecimento que teve da medicina antiga e medieval, mas também pela importância dada à afecção melancólica. Lembremos a importância que este tratado tem, em relação aos outros, simplesmente em termos de tamanho. No tratado IV da *Arquipatologia*, que Filipe Montalto dedica especificamente à melancolia, encontramos muitas das questões que foram formuladas pela tradição hipocrática e galénica no que respeita à especificidade desta doença da alma e à ligação que nela existe entre a mente e o corpo. Ao longo dos trinta e seis capítulos do *Tratado* sobre a melancolia, podemos contar as ocorrências de pelo menos vinte nomes de médicos a cujos trabalhos o autor faz referência, expondo e avaliando a pertinência das análises e das conclusões dos seus predecessores no que respeita a esta afecção. Por entre os representantes da tradição médico-filosófica, que vão de Areteu a Traliano, passando por Aristóteles, Platão ou Averróis, Montalto

* CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.

tem sobretudo em conta Galeno e Avicena. Ao introduzir a problemática do ânimo¹, a melancolia estabelece uma relação entre, por um lado, dois sentimentos específicos - a *tristeza e o temor* - e, por outro, um humor particular - a *bilis negra*. Se este humor pode ser tido como objectivo², já os sentimentos em jogo na melancolia parecem ser suficientemente vagos para que a conjunção de ambos dê lugar a uma real variedade do ponto de vista do diagnóstico e da etiologia. Haverá assim, diz-nos Jackie Pigeaud, teorias que se contentam com a *presença concomitante* de tais sentimentos e da *bilis negra*, outras que consideram que a *bilis negra* é *causa* do temor e da tristeza característica dos melancólicos e outras, enfim, para as quais a tristeza e o temor são *causas* da produção deste humor. Assim se desenha, em função da relação que pode existir entre estes dois grupos, a série possível de relações entre a mente e o corpo no que respeita à melancolia.

A melancolia parece dirigir questões à relação do corpo e da mente, talvez por isso se encontrem nela algumas das perguntas habitualmente consideradas como filosóficas e que dizem respeito aos limites e à vulnerabilidade da condição humana. «A quem pergunta se a melancolia é uma doença da alma ou do corpo, devemos responder que é a doença *da relação* da alma e do corpo, diz-nos J. Pigeaud, e é aliás isso que contribui para a sua história excepcional» (PIGEAUD, 1981:125). Contrariamente às outras, dizem-nos por seu turno Klibansky, Panofsky e Saxl, no seu *Saturno e a melancolia*, «a doença chamada melancolia caracteriza-se principalmente pelos sintomas de alteração do espírito, indo do temor, da misantropia e do abatimento profundo à loucura sob as suas formas mais

1 Será que a relação entre o termo latino “*animus*” e o termo grego “*thymos*” (θυμός) - apesar da dificuldade muitas vezes referida em traduzir este último - nos pode oferecer uma pista para entender o interesse das reflexões de Montalto para a psiquiatria contemporânea (que declina inúmeras formas de “timia”), bem como a sua originalidade no contexto do pensamento médico da sua época? O “*thymos*” (θυμός) é a «faculdade da alma que tem a sua sede no coração – enquanto que *vouç* (mente) tem a sua sede no cérebro e a *επιθυμία* a tem no fígado, ou em torno do fígado. É o “*thymos*” que, ao levar ao corpo calor e vida, é princípio de vontade e de acção. É também ele que se deixa ou não invadir pela paixão, que obedece ou não ao pensamento. O seu uso também faz com que se entenda como força do coração, ardor do coração, arrebatamento do coração, ou, metonimicamente, como coração. Não são estas muitas das características do “*animus*” que podemos depreender da reflexão de Montalto, nomeadamente quando nos fala da relação do coração ao cérebro? A este propósito, pode consultar-se, por exemplo, a volumosa obra de R.B. ONIANS, *The origins of European Thought: about the Body, the Mind, the Soul, Time and Fate* (ONIANS, 1951).

2 Apesar do que nele há de «imaginação substancial» (no dizer de STAROBINSKY (*Histoire du traitement de la mélancolie des origines à 1900*, Bale, 1960: 14. Citado por PIGEAUD, *Maladie de l'Âme*: 123).

terríveis [...]; podendo ser definida como uma doença física que comporta repercussões mentais, ou como um transtorno da inteligência³ de origem física» (KLIBANSKY, PANOFSKY, SAXL, 1964: 45).

Tendo por contexto o humoralismo e a medicina dos temperamentos, a exposição do médico albicastrense (e parisiense) no que respeita ao diagnóstico e à etiologia da melancolia permite identificar um tipo de relação causal específica entre a mente e o corpo, por meio da forma como é descrita a relação existente entre os sentimentos e o humor. Podemos, assim, identificar a definição, as causas e algumas formas possíveis de tratar a melancolia.

Como é que se define a melancolia?

Para dar a entender o que é a melancolia, Montalto recorre a Paulo de Egina, a Galeno, e a Areteu. Sem parecer aderir explicitamente à doutrina de um deles mas antes àquilo que parecem ter de comum, o médico de Maria de Médicis retoma e discute as definições que os seus antecessores dão da melancolia. Esta define-se como «um delírio sem febre, a partir do *humor atrabiliário* que, surgindo com muita gravidade, ocupou a mente» (*Arquipatologia*, 187). Esta definição de Paulo de Egina parece estar de acordo com a de Galeno, quando este diz que a melancolia *depende* do humor melancólico ou atrabiliário *e não da bÍlis negra*. O que permite distingui-la da mania: enquanto que a mania depende da genuína bÍlis negra, proveniente da bÍlis amarela muito aquecida, a melancolia resulta da ocupação da mente pelo « humor que, com a devida propriedade, não deve ser chamado bÍlis negra, mas humor melancólico ou atrabiliário, aquele que realmente apresenta, por assim dizer, um resÍduo de sangue» (*Arquipatologia*, 187). A outra definição dada por Montalto, e que este retoma de Areteu, explicita os efeitos do humor atrabiliário ao nível da mente, dando conta da forma como o ânimo se relaciona com o pensamento: «a melancolia é uma angústia (*angor*) do espírito (*animi*) fixa num só *pensamento*, mas sem febre associada (*inhaerentem*)» (*Arquipatologia*, 188). Esta angústia do espírito (*animi angorem*) deve entender-se como «um medo e uma tristeza irracionais» (*Arquipatologia*, 188) que, como ensinam

3 Os termos latinos são «permixtio rationis».

Hipócrates e Areteu, permitem identificar o estado melancólico quando persistem por longo tempo. São eles, (temor e tristeza) que, fixando-se num só pensamento, se transformam numa « função da fantasia ou da mente depravada apenas num aspecto, mas exercida nos restantes, de acordo com a natureza» (*Arquipatologia*, 188).

Mas, em que género de paixões preternaturais é que deve ser incluída a afecção melancólica, pergunta Montalto? «O humor é [só] a matéria de afecção» ou «a afecção é [também] originada pelo humor» (*Arquipatologia*, 188)? A resposta encontra-se junto dos médicos que Montalto considera experientes: a afecção melancólica «é uma disposição induzida pelo suco negro, *imediatamente indutora* do delírio» (*Arquipatologia*, 188): o que é somático suscita o que é mental. O suco negro causa a afecção e a melancolia deve entender-se como um sintoma do excesso desse humor. No capítulo sexto, ao inquirir explicitamente sobre a causa a que devem ser reduzidos o medo irracional e a aflicção dos melancólicos, Montalto confirma esta afirmação, escrevendo que «foi atrás estabelecido por [ele] que *a matéria da paixão melancólica é o humor atrabiliário*» e que, «além disso, [...] este humor *suscita* a referida paixão, [como no-lo diz Hipócrates] [...] porquanto é incontestado tanto pelos mais ilustres médicos como pelos filósofos que *os humores e em geral a constituição do corpo alteram as acções da alma* [ou, dito de outra forma, que] as potências da alma seguem a constituição do corpo» (*Arquipatologia*, 199).

Causas da melancolia

A não ser nas situações raras e excepcionais em que a melancolia se deve a causas sobrenaturais, a sua existência deve-se a casos naturais. Estas causas são de quatro tipos: *a material*, *as mediatas*, *as internas* e *as externas*. Assim, Montalto dá ao humor negro o nome de *matéria* ou *causa interna material* da melancolia e àquilo que está «apto para gerar mais abundantemente e aumentar o humor negro do corpo», dá o nome de *causas mediatas*, sendo umas *eficientes* outras *materiais*. É *eficiente* a regulação dos humores disposta desde o início, a constituição do corpo de cada indivíduo, da qual depende a sua disposição espiritual e mental; são causas *mediatas materiais* os alimentos que, quando cozidos nas veias, costumam ser transformados em humor negro. Montalto analisa detalhadamente estes dois tipos de causas

recorrendo à doutrina dos temperamentos de Galeno, defendendo-a, aliás, contra a opinião dos seus opositores e dando-nos a entender a forma como a alimentação se conjuga com as disposições próprias ao temperamento melancólico segundo as épocas do ano e as idades da vida, podendo daí advir uma maior ou menor disposição para a melancolia. As outras causas “*eficientes*”, também influem no corpo, mas são-lhe *externas*. No capítulo décimo primeiro deste *Tratado*, Montalto fala-nos assim, por exemplo, dos trabalhos físicos em demasia, da vigília, dos esforços, dos cuidados e desassossegos (*Arquipatologia*, 209) que estão na origem da melancolia. Mas também nos fala do ócio e do amor que, ao serem excessivos, são causas possíveis da insânia melancólica. No que respeita ao ócio, diz-nos que é incluído por alguns entre as causas da melancolia e que ele próprio constatou que «na realidade [...] estão mais expostos a esta afecção aqueles que são claramente ociosos, do que aqueles que *se habituaram* a aplicar-se com moderação a executar (*peragendo*) algum mester. Consider[a] que tal é a causa desse facto, porque, sem dúvida, a aplicação moderada a algum trabalho afasta a mente dos desassossegos; já, pelo contrário, o ócio e a ausência de *obrigações* leva à agitação e ao tormento com as importunas *obscuridades dos cuidados*» (*Arquipatologia*, 209). No que respeita ao amor, e se bem que Montalto reconheça que a prática dos seus prazeres possa ser favorável à cura da melancolia, também nos é dito que, ao ser excessivo, pode ser causa da melancolia. O Tratado sobre a Insânia dos Amantes (*Arquipatologia*, 291-298), especificará esta forma particular de afecção melancólica. Montalto diz-nos também que é possível que, nos casos em que a paixão amorosa é causa da melancolia, nem sequer os socorros dos médicos sejam úteis. Só quando o amante está em presença do próprio ser amado é que recupera a sanidade.

Tanto no que respeita às causas materiais, como no que respeita às causas eficientes, as variações da mente, segundo Montalto, parecem ser exclusivamente oriundas do corpo. Mesmo no caso das causas eficientes externas, estas não fazem senão provocar as mudanças internas ao corpo que dão origem ao humor atrabiliário que afecta o cérebro, que é a sede da mente.

Segundo admite da leitura que faz de Hipócrates, Montalto diz-nos que «o homem se torna melancólico se a enfermidade [resultante do excesso de bÍlis negra] abre caminho na mente, isto é [...], se o humor atrabiliário, alterando o temperamento, prejudica[r] o cérebro» (*Arquipatologia*, 199). O autor da *Arquipatologia* aceita assim a redução, feita por Galeno, do

temor e da tristeza dos melancólicos à negrura do humor, como aceita o raciocínio analógico que a justifica e que a estabelece, segundo os quais, do mesmo modo que « as trevas externas provocam ansiedade a quase todos os homens, excepto que sejam bastante audazes ou doutos, assim a cor da atrábilis, ao tornar a *sede da mente* semelhante às trevas, provoca temor» (*Arquipatologia*, 199). O humor negro, matéria da paixão melancólica, espalha uma noite perpétua pela morada da alma racional, acompanhando-se amiúde por um cortejo de infelicidade, de desgosto e de ódio, para dizer à maneira de Jackie Pigeaud. Tendo em conta que o cérebro é, «sede e centro das principais forças da alma (*animae*)» (*Arquipatologia*, 199), o temor, a aflição e até a expectativa da morte acontecem porque a atrábilis se apoderou do princípio da alma racional e a envolveu nas trevas ao chegar ao cérebro. Assim, e em consonância com o seu corpo, a parte da alma racional espalha para o mundo exterior a causa do temor, encontrando-se nele, por isso, de forma alucinada e fantasiada, a causa da aflição e do medo melancólicos. Os que sofrem do vício da melancolia a partir do interior e do próprio corpo são circundados com «as profundíssimas trevas que ocupam o ar» (*Arquipatologia*, 199), por causa da «própria bília negra ocupando o cérebro ou devido a alguma exalação do vapor melancólico» (*Arquipatologia*, *Ibid.*).

Formas de tratamento

O que Montalto nos diz de forma mais detalhada sobre a relação entre a mente e o corpo – e que tem em conta a imaginação e a o ânimo – abre a porta a formas de tratamento que não passam só pela alimentação e a medicação. O médico pode, para além disso, agir no conjunto das crenças dos melancólicos e participar no mundo que resulta da imaginação dos pacientes, recorrendo ele próprio à fantasia. Montalto refere-se, assim, à *habilidade* do médico capaz de avaliar o tipo de imaginação fantasiosa própria a cada melancólico, de modo a «restitu[ir] a saúde da mente e do corpo» (*Arquipatologia*, 239), por meio de uma «astuciosa invenção e [de] um engenhoso engano» (*Idem.*), dando-nos o exemplo (relatado por Traliano) do médico Filodoro que curou um certo indivíduo que «pensava que a sua cabeça ti[nha] sido cortada» por um tirano que o tinha executado. «Filodoro salvou-o através da imaginação fantasiosa (*vana*),

tendo [-lhe] colocado um barrete de chumbo subitamente na cabeça [...] » (*Arquipatologia, Ibid.*). Ao sentir o peso, o indivíduo melancólico «pensou que a cabeça lhe tivesse sido restituída e voltou a si mesmo muitíssimo regozijado» (*Arquipatologia, Ibid.*).

As insânias, os delírios, os terrores e os medos, as tristezas, os lamentos e as aflições profundas dos melancólicos são tornados possíveis, conjuntamente, pela imaginação e pela razão, mas é da razão e do juízo que dependem. Se as operações cogitativas não estivessem lesadas, a mente afastaria a falácia da imaginação e resistiria à fantasia alucinante e alienante. Quando o cérebro – onde reside a faculdade de raciocínio da alma – é afectado pelo humor negro, é num juízo - e não numa imagem - que reside em última instância a origem do temor e da aflição. Apesar de ser errado, é preciso que haja um juízo capaz de distinguir o bem do mal, para que os padecimentos *do ânimo* suscitem os afectos que caracterizam o sofrimento dos melancólicos. Por si só, diz-nos Montalto, a imaginação não consegue despertar os padecimentos do ânimo. Para que haja *aflição e temor*, é preciso um conhecimento do mal e a imaginação não é capaz por si só de distinguir o bem do mal. «O objecto da aflição é o mal sob a razão de mal presente e por seu turno o objecto do temor é o mal sob a razão de mal árduo e iminente e, na verdade, estas coisas são necessariamente conhecidas antecipadamente» (*Arquipatologia*, 188-189), o que no homem incumbe à faculdade *cogitativa* ou *racional*, e nos outros animais incumbe à *estimativa*⁴. O conhecimento do mal, enquanto tal, transcende a faculdade imaginativa porque, diz-nos Montalto, esta só conhece objectos representados através de imagens sensíveis, não sendo capaz de os avaliar. O argumento de Montalto exclui, assim, que exista uma dimensão afectiva inerente à imaginação e que, por si só, avaliaria o que é bom ou mau.

Enquanto que, ao *imaginarmos*, somos afectados da mesma maneira que se observássemos uma pintura, quando *opinamos* que algo é mau ou

4 Montalto parece partilhar, em parte (sobretudo com os termos de faculdade estimativa e cogitativa) as distinções presentes na meditação de Avicena *Kitab an-Nafs* (ou *De anima*), onde o médico, filósofo, escritor e cientista dá conta da possibilidade de distinguir entre 1) um sentido comum (que percebe a forma sensível, percebe sem agir, percebe a percepção primeira); 2) a imaginação (que percebe a forma sensível, percebe sem agir e percebe por percepção segunda); 3) a faculdade imaginativa (alma animal) ou cogitativa (alma humana), que percebe a forma sensível, que percebe e age, percebe por percepção primeira; 4) a faculdade estimativa, que percebe a intenção, percebe e age, percebe por percepção primeira; 5) a memória, que percebe a intenção, percebe sem agir e percebe por percepção segunda (OLIVEIRA SILVA, 2013).

terrível, somos imediatamente afectados, da mesma maneira que se algo excitasse a audácia e a confiança. Para que a imaginação suscite aquilo que nos afecta e desperte os padecimentos do ânimo, é preciso que ela já esteja seguindo o juízo da faculdade cogitativa. É também porque esse juízo é tornado falso pela lesão sofrida pelo cérebro que as paixões de que sofrem os melancólicos são suscitadas erradamente e são acompanhadas de imagens do objecto nas quais se fixam. O objecto imaginado só é aceite como existente porque se errou no juízo. A tristeza e o temor são, assim, suscitados pela mente, mais especificamente pela razão, afectada (pela presença excessiva do humor atrabiliário no cérebro). Se constatamos que há um erro do juízo para a generalidade dos melancólicos, diz-nos Montalto, este erro é variável para cada paciente em função do engano pelo qual a imaginação é conduzida. Cada um terá, assim, a sua fantasia e cada fantasia mórbida verificará a afirmação segundo a qual, se a faculdade racional estivesse estabelecida, a falácia da imaginação seria afastada. O verbo, a fala e as relações com os outros que assim se estabelecem também podem ter um papel na cura da melancolia, ajudando a corrigir o juízo e os sentimentos que a ele se ligam pela imaginação. Assim, escreve Montalto, «o ânimo deve ser estimulado principalmente através do convívio com pessoas alegres, que animem o paciente não só pelo belo aspecto, mas também pelo prazer da conversa. Deve-se evitar a solidão e a companhia dos ignorantes. Os terrores devem ser repelidos e proporcionada uma boa esperança; o deleite deve ser buscado através da narração de novidades, de gracejos, de histórias e de jogos, dos quais [quem está doente] se habituara a retirar muitíssimo proveito no estado de saúde» (*Arquiopatologia*, 239).

Montalto dá-nos a entender a existência de um entrelaçado somato-psíquico que subjaz à realidade relacional e que está implicado nela pela percepção, e pelo juízo, a imaginação e o apetite (termo que parece recobrir aquilo a que chamamos emoções). É este entrelaçado que, em conjunto com a teoria humoral e os vários tipos de causas, permite explicar e fundamentar os tratamentos da melancolia. Ficamos, assim, a saber que, se o local do corpo afectado a quando da afecção melancólica é o cérebro, ele não é, no entanto, o único a sofrer. Também o coração se encontra em sofrimento, já que é aí que a aflição profunda e o medo, enquanto *afecções do apetite, têm a sua sede*. Mas se o coração sofre com o cérebro através dos temores melancólicos e das tristezas, a afecção de que sofre não é forçosamente doentia. O coração sofre em virtude de uma lei natural que

o liga ao cérebro. Segundo esta lei, as faculdades do apetite obedecem às principais faculdades da mente e, já que a sede das primeiras é o coração e a sede das segundas é o cérebro, o sofrimento do coração decorre de forma necessária da afecção do cérebro pelo humor atrabiliário. O movimento material do sangue e do espírito está ao serviço das afecções do apetite e depende do sinal destas. Assim, diz-nos Montalto, o temor e a tristeza vãos dos melancólicos não são uma doença do coração, mas [o resultado de] uma vã e errónea percepção que julga serem funestas coisas que realmente o não são. É porque o domicílio da *percepção* está afectado que estas paixões se produzem. Ora, este domicílio é o cérebro, não o coração. Por isso é que a melancolia é doença do primeiro, não do segundo. O humor negro afecta o cérebro em razão das causas que evocámos. Ao perturbar o juízo, esta lesão provoca um erro segundo o qual é tido como mau aquilo que o não é. Com o contributo da imaginação, e sob a razão de *mal presente*, este juízo errado traduz-se pela aflicção. Sob a forma de mal árduo e iminente, traduz-se pelo temor. Ambos são apetites que dão lugar ao movimento do sangue e dos *espíritos animais*, fazendo com que o coração se comporte necessariamente como se comportaria se, de facto, o melancólico estivesse em presença de males reais.

Bibliografia

- BINSWANGER, Ludwig (1960), *Melancholie und Manie*, Pfullingen, Verlag Günther Neske.
- DREYFUS, Georges L. (1907), *Die Melancholie*, Verlag von Gustav Fischer, Iena.
- ESQUIROL, Jean Etienne Dominique (1805), *Les Passions considérées comme causes, symptômes et moyens curatifs de l'aliénation mentale*.
- FREUD, Sigmund (1917), *Trauer und Melancholie*, Viena, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*.
- KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL Fritz (1964), *Saturn and Melancholy*, Londres e Nova Iorque, Thomas Nelson and Sons.
- MONTALTO, Filipe (2017) [1614], *Arquipatologia*, trad. portuguesa Domingos Lucas Dias, Inês de Ornellas e Castro, Joana Mestre Costa, Lisboa, Edições Colibri.
- OLIVEIRA SILVA, A.N. (2013), «O critério de diferenciação das faculdades e a estimativa animal no *De Anima*, de Avicena», *Intuitio*, vol 6, nº1: 194-215.
- ONIANS, R.B. (1951), *The Origins of European Thought: about the Body, the Mind, the Soul, the World, Time and Fate*, Oxford, Oxford University Press.
- PIGEAUD, Jackie (1981), *La maladie de l'Âme*, Paris, Les Belles Lettres.

STAROBINSKI, Jean (1960), *Histoire du traitement de la mélancolie des origines à 1900*, Bale.

STAROBINSKI, Jean (2012) *L'encre de la mélancolie*, Paris, Seuil.

TELLENBACH, Hubertus (1961), *Melancholie, Zur Problemgeschichte, Typologie, Pathogenese und Klinik*. Mit einem Geleitwort von V. E. von Gebsattel. Berlin, Göttingen, Heidelberg, Springer.